

TRABALHO E COMÉRCIO NOS SERINGAIS AMAZÔNICOS*

Mauro CHEROBIM **

RESUMO: O trabalho tece algumas considerações acerca das relações seringueiro-seringalista e do sistema de aviamento na estrutura econômica da Amazônia.

UNITERMOS: Amazonas, seringais; sistema de aviamento.

O SERINGAL

O seringal compõe-se, basicamente, do *barracão*, local de residência do seringalista, do armazém que *avia*, isto é, fornece mercadorias ao seringueiro e do depósito de borracha, castanha, etc. O *barracão* é o núcleo social e econômico do seringal. Em contraposição a ele está o *centro*, onde se concentram as atividades de extração gumífera, ou de coleta de castanha; onde estão os *tapiri* para a moradia e o *tapiri* para defumação, e as *bocas*, ou início, das *estradas de seringa*, uma “*picada*” (caminho) que liga as seringueiras de onde se extrai o látex.

Não existem vínculos empregatícios entre seringueiros e seringalistas, designados *freguês* e *patrão*, respectivamente. Os vínculos são, *lato sensu*, de locatário e locador.

Quando se pretende localizar o seringalista quanto às suas atividades econômicas, surge a discussão se ele deve ser classificado como produtor ou como comerciante. Se de um lado é o proprietário de uma empresa dedicada ao extrativismo vegetal é, por outro lado, um dos nexos do sistema de aviamento, este essencialmente comercial; como locador, portanto

beneficiário da produção do seringueiro, age como intermediário na comercialização dos produtos de extração vegetal. Ao seu papel de locador dever-se-á acrescentar o de financiador das condições de trabalho do seringueiro, pois este, quando assume uma *colocação*, assume-a em condições para ali fixar-se e trabalhar.

O seringal é uma área de apreciável extensão, parte propriedade e parte posse de um indivíduo, ou de uma família, ou de uma empresa. Há, em seus quadros de trabalhadores, pessoas dedicadas à procura de seringueiras e/ou castanheiras, outras ocupadas com a abertura das *estradas de seringa*, construção dos *tapiri*, isto é, da preparação da *colocação* para a fixação do seringueiro.

O custo do preparo da *colocação*, assim como o fornecimento dos utensílios para a extração do látex e as mercadorias para o seu sustento por um determinado período, são debitados na *conta corrente* do seringueiro, que inicia suas atividades com um apreciável débito para com o *barracão*.

O seringueiro quando se refere em “saldar a dívida”, ou “conseguir saldo” em sua *conta corrente*, refere-se a uma ex-

* Este trabalho é resultado de uma experiência pessoal, baseada em observações, e os dados obtidos *in loco* durante o ano de 1973 e no primeiro trimestre de 1976. Envolve algumas considerações acerca de uma comunidade amazonense que se vê na contingência de enfrentar uma nova realidade social e econômica, com os seus recursos tradicionais.

** Departamento de Sociologia e Antropologia — Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação — UNESP — 17.500 — Marília — SP.

pectativa que excede as suas condições de realização. A dívida sempre teve, historicamente, um papel importante nas relações *patrão-freguês*: não havendo qualquer compromisso formal nestas relações, para o *freguês* (seringueiro) a dívida representa a necessidade de saldá-la; para o *patrão* (seringalista), o direito de usar métodos de persuasão para manter o seringueiro a seu serviço. Enquanto o *patrão* necessita de mão-de-obra para suas *estradas de seringa*, o *freguês* depende dos aviamentos do *patrão* para a sua sobrevivência. Idealmente, esta relação de dependência teria lugar enquanto permanecesse esta situação; no entanto, a dívida dá um caráter de perenidade, uma vez que a produção do seringueiro está aquém das possibilidades de saldá-las. O débito cresce numa proporção maior que a produção, pois o aviamento de mercadorias é continuado e com preços aviltados.

Para se ter uma idéia de como as mercadorias são gravadas, reproduzimos uma tabela de 1943, aceita pelas Associações Comerciais do Amazonas e do Pará e pela Associação dos Seringalistas do Amazonas. Esta tabela, apesar de antiga, ainda reflete a situação atual. Foi elaborada para uma proposta de revisão das condições de produção de borracha naquele ano e a sua relação de gravames era aplicada nas zonas encachoeiradas (5: vol. 2, p. 182-183).

Custo inicial da mercadoria	100
Pequenas avarias da viagem	8
Perdas médias de retalho	10
Riscos de explorações em contas perdidas	10
Despesas de Manaus ao destino	60
Juros de estoque mantido no ano	5
Lucro de revenda	30
Total	223

O Autor que nos fornece esta informação acrescenta que “sobre os preços de fatura, a casa filial coloca 20%. O gerente, arrendatário, *patrão* vulgarmente chamado, sobrepõe uma majoração de 60%. E o *aviado*, que fornece a mercadoria ao seringueiro, tem uma margem de mais 40%. Em algum seringal existe ainda... uma taxa de expediente: 20%” (5:183, nota 87).

Um quadro mais recente mostra as diferenças de preços entre a praça de origem da mercadoria, possivelmente uma das capitais da Amazônia e o seringal (3:158). *

Artigos	unidade	Varição de preço entre a praça de origem e o seringal
Acúcar	kg	233%
Arroz	kg	50%
Sal	kg	300%
Carne verde	kg	33%
Leite condensado	lta	173%
Charque	kg	17%
Farinha de mandioca	kg	63%
Feijão	kg	50%
Manteiga	kg	177%
Pirarucu	kg	20%
Banha	kg	43%
Café em grão	kg	127%

A dívida torna efetiva a dependência do seringueiro ao seringalista.

Seringueiros entrevistados informaram e as *contas correntes* examinadas comprovaram um desconto de uma comissão de 20% a qualquer adiantamento em dinheiro, haja ou não saldo.

Há um descompasso entre remuneração e produção do seringueiro; a remuneração está condicionada ao potencial da *estrada* e à produtividade do seringueiro. No Acre, por exemplo, a produção média por safra varia entre 400 e 800 quilos por seringueiro (3:157). Valverde (11:44) calcula que, se uma seringueira produz em média 3 quilos de látex ao ano** e se um

* O Autor informa os preços das mercadorias em números absolutos na praça de origem e no seringal. Transformamos as diferenças de preços em números relativos.

** Parece haver nesta informação um engano. A safra da borracha é de aproximadamente 6 meses. A nosso pedido, um técnico da ACAR-Am informou, num cálculo otimista, que uma seringueira nativa poderá alcançar uma produção média de 1,75 quilogramas durante a safra.

seringueiro cuida em média 50 a 100 pés na sua *estrada*, colherá por safra entre 150 e 300 quilos de borracha por ano. Algumas *estradas* chegam a ter até 200 árvores, aumentando, desta forma, a produção anual (9:119). No Baixo Amazonas as *estradas* têm cerca de 100 árvores.

Cada *colocação* dispõe, em regra, de no mínimo duas *estradas* exploradas em dias alternados para *descansar* as árvores. Galvão (3:157), com base na produção média de um seringueiro, e a preços de 1952, realizou os seguintes cálculos: se um seringueiro do Acre produziu 600 quilos de borracha e vendeu a seu *patrão* a Cr\$ 17,00 o quilo, teve um ganho de Cr\$ 10.200,00 na safra. Deste valor teve descontado o custo da instalação da colocação, que variava entre Cr\$ 1.500,00 e Cr\$ 3.000,00, chegando algumas vezes a Cr\$ 5.000,00, podendo alcançar, algumas vezes, valores iguais a Cr\$ 8.000,00 e Cr\$ 10.000,00. Como este custo é pago pelo seringueiro e sendo-lhe adiantado os aviamentos necessários para um determinado período, sua produção dificilmente cobrirá estas despesas (colocação + aviamentos), provocando um aumento crescente à sua dívida, sempre agravada com novos aviamentos.

Os *centros* dos seringais têm os seus *altos* e os seus *baixos*, correspondendo às áreas que as águas não alcançam e às que ficam cobertas pelas águas durante a metade do ano, respectivamente. As seringueiras situam-se em *terras baixas*, restringindo a safra da extração do látex em meio ano. Na região do Madeira os seringueiros tornam-se castanheiros quando as águas sobem; as castanheiras são árvores

de *terras altas*. Seja ele seringueiro ou castanheiro, é *freguês* de um mesmo *patrão*.

O aumento de sua produção (borracha + castanha) não significa transformá-lo em *saldista*, isto é, com saldo na *conta corrente*. Por paradoxal que possa parecer, a sua dependência aumenta. Vemos até peixe como mercadoria *aviada* em suas *contas correntes*. Há a afirmação unânime que na Amazônia não existe uma tradição agrícola, ou, segundo Samuel Benchimol, “agricultura não rima bem com seringa” (citado por 5:133). Poderíamos afirmar que o tempo e o rio não permitem a formação de roças de subsistência que os livre de *conta corrente*. Quando as águas descem e suas várzeas poderiam ser aproveitadas para agricultura, férteis pelo húmus das cheias, o seringueiro tem o seu dia totalmente ocupado no extrativismo do látex: da madrugada até a metade do dia realiza duas viagens na *estrada de seringa*. A primeira para o *corte de madeira* e instalação da *tigelinha* e a segunda para recolhê-la com o látex. A segunda metade do dia passa ao lado do *buião**, defumando o látex. O fabrico termina quando as águas sobem e os seringueiros transformam-se em castanheiros.

As *colocações* ficam sempre às margens dos rios, na maioria das vezes em afluentes, sempre em *terras baixas*. O seringueiro-castanheiro terá, então, que se deslocar a uma apreciável distância, onde estão localizados os castanhais. Ali permanece a maior parte da safra abrindo os *ouriços* (invólucro da castanha); a cada *paneiro* (cesto) cheio de castanha, transporta-o nas costas até o *igarapé* próximo, onde deixou sua canoa. Quando

* *Buião* é uma espécie de forno, de forma arredondada, fechado nos lados e aberto na parte superior. Empregando “cavacos” de madeira resinosa, como babaçu (*Orbygnia martiana*), massaranduba (*Mimosops Sp*), uricuri (*Cocos coronata*), e outras, para provocar fumaça necessária e apropriada à coagulação, acende-se fogo no seu interior.

A coagulação do látex é possível pela ação do ácido carbônico na fumaça.

Para realizar a defumação, o seringueiro se utiliza de um pau, sobre o qual derrama o látex e vai girando vagarosamente na fumaça. Este pau fica suspenso sobre o *buião*.

Sempre girando o pau e derramando o látex, vai-se formando uma bola de borracha, ou *pela*, chegando a pesar entre 30 e 50 quilos (ou 500 e 100 libras).

O látex que derrama em volta do *buião* é enrolado em forma de plancha e é classificado como *sernamby rama*. O látex que derrama em volta da seringueira é preparado em forma de queijo e é classificado como *sernamby virgem*.

completa sua carga transporta a castanha até o barracão ou local previamente estabelecimento para encontrar o *motor* (barco motorizado) que recolhe as castanhas e *avia* mercadorias ao *freguês*.

O seringueiro que tratamos até aqui é o que trabalha para um seringalista, e é chamado de *seringueiro do toco*. Toda a sua produção é entregue ao *patrão*, também o seu *aviador*, sem que haja circulação de dinheiro. A idéia, *a priori*, seria da desnecessidade de dinheiro nos *centros*. A restrição à circulação de moedas decorre do temor dos seringalistas de que os seringueiros desviem a sua produção a outros aviadores, como também da eventual presença de regatões nas proximidades dos centros, provocando uma ruptura no sistema de dependência pelas dívidas. Os regateiros são alvo de férrea perseguição dos seringalistas (ver a respeito, 4:121-122 e 10:124-126). Recebemos informações de um antigo funcionário da Secretaria da Fazenda do Amazonas que em seringais do Solimões havia a prática de “dinheiro de circulação interna” e um acordo “de cavalheiros” com os regatões: os mascates, antes de iniciar suas vendas, compravam esta “moeda” particular para uso na área do seringal. Os seringueiros também possuíam estas “moedas”. Através deste mecanismo de emissão de dinheiro o seringalista controlava o regateiro e os fregueses.

Um outro tipo de seringueiro é o *seringueiro por conta*. É um freguês cujo patrão é o que lhe faz melhor preço. A literatura mais antiga não faz referência a este tipo de seringueiro, somente a mais recente. Provavelmente seja resultado do malogro da economia extrativista da borracha e falência de muitos seringais. Comercializa sua borracha ou castanha com base nas últimas cotações trazidas das praças de Manaus e de Belém. Antes do

advento das comunicações era um jogo com algum grau de risco, porque as informações sempre eram antigas. Com o advento do rádio de pilhas e as facilidades da Zona Franca de Manaus estes seringueiros estão sempre sintonizados na Rádio Riomar de Manaus no horário que irradiava as cotações da borracha e da castanha.

Encontramos estes seringueiros “nos lados do Ipixuna”, um afluente do Purus, mas próximo do Rio Madeira. Nesta região não havia a dificuldade, ou havia em menor grau, de se encontrar terra que não seja reconhecida como propriedade de algum seringal.

SERINGALISTA

Não se pode falar do seringueiro sem se falar do seringalista, o *coronel-de-barranco*, algoz dos seringueiros, ostentador de riquezas, freqüentador de Manaus, a “rainha da floresta, com avenidas largas, bordadas de árvores, teatro suntuoso, bares cheios de mulheres, onde os novos-ricos vinham gastar fortunas, levando tal vida de orgia e de escândalos que a riqueza não era mais contada segundo o dinheiro possuído, mas segundo as dívidas: ‘X... é muito rico, tem mais de dois mil contos de dívidas’ (1:49) “(...) era, quase invariavelmente, uma figura grotesca, trajando roupas mal-ajustadas, de padrões espantosos e cores berrantes, carregando pesado relógio em grossa corrente de ouro e não se despojando jamais do escandaloso anel de enorme brilhante, o anel-holofote”. Um subtipo de seringueiro — o outro era o *extrator*, do qual se diferenciava “apenas pelo mérito exclusivo de conquista da terra” (6:89-90).

Este quadro * deixava de lado, ou colocava em segundo plano, o seringalista como “socius” de uma realidade sócio-

* Esta caracterização é um estereótipo pejorativo do seringalista. Como havia os “caboclos rudes” que enricavam rapidamente transformando-se em *nouveaux riches*, havia os seringalistas refinados, apreciadores das belas artes, dos espetáculos teatrais, trajando casacas no bom estilo europeu, etc.

econômica mais ampla, cujo pano de fundo era o sistema de aviamento, que Araújo Lima denuncia como causador do malogro em face de sua complicada e encarecida engrenagem (6:86). O seringalista, da mesma maneira que “aprisionava” os seringueiros através de sua *conta corrente*, era “aprisionado” na *conta corrente* da casa aviadora.

O SISTEMA DE AVIAMENTO

O extrativismo gumífero amazônico constituía-se em um *continuum*, cujas figuras principais eram o seringueiro, o seringalista, a casa aviadora, a casa exportadora e, finalmente, a casa importadora, os nexos nacional e internacional do comércio da borracha. Como figuras secundárias, o regatão e os aviadores que intermediavam, ora entre o seringalista e o seringueiro, ora entre o seringalista e a casa aviadora.

O sistema de aviamento sustentou-se na audácia e no crédito, estimulando “aos excessos, até o desvario. Os aviamentos de mercadorias para os seringais eram pródigos, excessivos, absurdos” (6:85); uma atividade comercial às avessas, cuja prosperidade não se media pelo lucro, mas pelo endividamento.

A estrutura econômica da Amazônia caracteriza-se pelo sistema de aviamento: está ligada a quase todas as atividades de produção. Neste sistema, o *aviador* é a pessoa que efetua o *aviamento*, isto é, fornece os bens de consumo e de produção; o *aviado* é o que recebe. Na produção e circulação da borracha, de que nos ocupamos aqui, o seringueiro extrator é sempre o *aviado*, pois as suas relações econômicas restringem-se ao fornecimento dos produtos extraídos da floresta como pagamento das mercadorias que lhe foram aviadas; o *aviador*, por outro lado, é *aviado* do comerciante que lhe fornece as mercadorias e *aviador* para aqueles que adquirem suas mercadorias; há os grandes

aviadores, em pequeno número e estabelecidos nas grandes cidades, e os pequenos aviadores que intermediam as mercadorias até chegar nas mãos do produtor e/ou extrator.

Como vimos anteriormente, o sistema de aviamento caracteriza-se pelos gravames acrescentados às mercadorias fornecidas, altos juros e computação de eventuais riscos que os produtos prometidos sejam desviados. O aviador já foi definido como um capitalista-agiota mercantil pré-moderno (7:369). O alto custo das mercadorias fornecidas e o baixo custo dos produtos entregues, de um lado; os gastos excessivos e supérfluos, de outro, o orçamento do seringalista estava em contínuo desequilíbrio; “(...) como esforço compensatório da contabilidade dos seringais, para cobrir as perdas e os desfalques acarretados pela evasão do *freguês*” (6:87), o custo de um hipotético reequilíbrio era descarregado na *conta corrente* de seus aviados. Este expediente não era somente usado pelo seringalista para com os seus *fregueses*, mas também pelas *casas aviadoras* para com os seringalistas. É neste sentido que o sistema de aviamento, como colocamos acima, tem sido apontado como uma das causas do malogro amazônico, e não, e exclusivamente, a tão criticada exportação de sementes da *hevea* para o Oriente; esta exportação tem sido usada para desculpar a inviável economia da borracha.*

A ATUALIDADE

Passado o primeiro ciclo da borracha, houve a tentativa de se incentivar um novo ciclo por necessidades da II Grande Guerra, mas que com ela fincou. A partir da segunda metade da década de sessenta, em decorrência de uma série de fatos, estrategistas e geopolíticos brasileiros voltaram a sua atenção à área amazônica. No início da década de setenta, junto ao cha-

* Ver, a respeito, 8:17-24 e 251.

mado “milagre brasileiro”, foram elaborados planos de desenvolvimento para a Amazônia que resultaram na construção da rodovia Transamazônica, nos discutíveis planos de colonização, nos planos de aproveitamento do potencial mineral, etc., além de uma nova tentativa de ativar a produção dos seringais.

Nos seringais, os métodos de coleta de látex continuavam os mais rudimentares, portanto, antieconômicos. Nada valearam os esforços para modificar a tecnologia da borracha, alguns dos quais resultado de experiências bem sucedidas nas plantações da Malásia, como um novo tipo de faca e um novo tipo de *corte*. Estas melhorias foram posteriores ao ciclo da borracha. Foram estudadas, também, novas técnicas, com processos químicos, para abreviar o trabalho do seringueiro e conseqüente incremento da produção. Por exigência de indústrias paulistas fabricantes de luvas cirúrgicas e outros artefatos de borracha, na década de trinta, houve apreciável modificação no processamento da borracha, como montagem de usinas e outras técnicas de beneficiamento (2:136). Quanto à extração, propriamente dita, e ao seu processamento nas *colocações*, não houve grande modificação; hoje quando chegamos a uma *estrada de seringa* não vemos outra coisa senão uma repetição do que os cronistas do primeiro ciclo da borracha noticiaram.

Em face disto, a Superintendência da Borracha (SUDHEVEA) elaborou seus PROBOR (Plano Nacional da Borracha) e, no caso do Amazonas, firmou convênio com a ACAR-Am (Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas) para o desenvolvimento de técnicas para o incentivo à produção gumífera, e com o BASA (Banco da Amazônia) para financiamentos.

Na área do médio rio Madeira foram implementados dois planos: 1) recuperação de seringais nativos e 2) formação de seringais de cultivo. A COBAL elaborou

um plano para fornecimento de alimentos aos seringueiros, a preços de custo, através de armazéns montados em *motores*, uma reedição moderna e estatal dos regatões.

A recuperação dos seringais nativos e o plantio de seringais de cultivo seriam realizados através de financiamentos bancários do BASA e com acompanhamento técnico da ACAR. Os regatões da COBAL aviariam as mercadorias, aguardando pagamento no final do fabrico.

A idéia dos planejadores era a de “quebrar” o sistema tradicional para transformá-lo em um sistema produtivo. Em nossa última viagem à região, os planos da COBAL ainda não haviam sido executados; os planos da SUDHEVEA esbarraram em algumas dificuldades, como a inexistência de sistema contábil na maioria dos seringais nos moldes desejáveis à instituição bancária, e a área de propriedade comprovável dos seringais, e o seu valor imobiliário, estavam aquém do valor mínimo necessário para garantir os financiamentos.

Estes planos, mais as rodovias construídas através dos *centros* dos seringais, interferiram nas relações tradicionais *patrão-freguês*, sem ainda rompê-las, em face de uma série de relações extra-econômicas determinantes de um perfil cultural, em cujo pano de fundo estão os seringais. Nas comunidades do interior amazonense é muito valorizada a ligação entre o ser amazonense e ter tido ligações com o seringal. Este nexos é claramente notado quando os trabalhadores da borracha migram para as zonas urbanas e procuram desenvolver relações vicinais com aqueles que têm a mesma origem. Nota-se, nas entrevistas, uma distinção entre os nativos que dizem, “tenho *seringa* nas veias”, e os alienígenas, designados como “de fora”.

Ser *patrão*, ou ser *freguês*, é um *status*, que as pessoas conservam, mesmo após deixarem de ser *patrão* ou *freguês*.

CONCLUSÃO

Nas considerações acerca das relações de trabalho e comerciais seringueiro-seringalista, verificou-se que há uma estreita interdependência entre os aspectos econômicos e os sociais.

O Governo Federal, como agente de mudança de alto poder decisório, tem seus planos prejudicados pelos não pro-

gramados — ou não considerados — padrões de conduta historicamente desenvolvidos. Desta forma, as relações seringueiro-seringalista iniciadas na atividade extrativista permanecem como relações sociais, mesmo distanciadas do cenário inicial, em face de o sistema de aviamento ter condicionado as maneiras de pensar, de sentir e agir da população envolvida, direta ou indiretamente, pela atividade do látex.

CHEROBIM, M. — Work and trade in the Amazon rubber plantations. *Perspectivas*, São Paulo, 6:102-107, 1983.

ABSTRACT: Some considerations about the "seringueiro-seringalista" relationship and the "sistema de aviamento" in the Amazon economic structure.

KEY-WORDS: Amazon; rubber plantations; Amazon economic structure.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BASTIDE, R. — *Brasil terra de contrastes*. 4. ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.
2. BATISTA, D. — *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Conquista, 1976.
3. GALVÃO, R. — Aspectos da economia da borracha no Território do Acre. *Rev. Bras. Geog.*, 17:153-173, 1955.
4. GOULART, J.A. — *O regatão: mascate fluvial da Amazônia*. Rio de Janeiro, Conquista, 1968.
5. HUGO, V. — *Desbravadores*. Humaitá, Missão Salesiana, 1958.
6. LIMA, A. — *Amazônia, a terra e o homem*. 4. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1975.
7. MIYAZAKI, N. & ONO, M. — O aviamento na Amazônia: estudo sócio-econômico sobre a produção de juta. *Sociologia*, 20(3):366-396, 1958; 20(4):530-563, 1958.
8. MOOG, C. V. — *Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas*. 10. ed. Porto Alegre, Globo, 1973.
9. PETEY, B. C. C. de M. — Aspecto da economia amazônica à época da depressão: 1920-1940. *Boletim Geográfico*, 31:112-131, 1972.
10. REIS, A. C. F. — *O seringal e o seringueiro*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1953.
11. VALVERDE, O. — A Amazônia brasileira: alguns aspectos sócio-econômicos. *Boletim Geográfico*, 28:43-50, 1969.